

**NOTA TÉCNICA 007-22**



---

# **AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS**

**Autores:**

Ana Paula Alves Silva

Giovana Carvalho Olivieri

---

Centro de Informações sobre Medicamentos  
(CIM)

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Email: [cimunifal@gmail.com](mailto:cimunifal@gmail.com)

Instagram: [@cim.unifal](https://www.instagram.com/cim.unifal)

Facebook: Cim Unifal-MG

Blog: [cimunifalmg.blogspot.com](http://cimunifalmg.blogspot.com)

Telefone: (35) 9136-0717 – Dra. Luciene Alves  
Moreira Marques

---

Assessoria Técnica - CRF/MG

Telefone: (31) 3218 1012

[duvidastecnicas@crfmg.org.br](mailto:duvidastecnicas@crfmg.org.br)



## Introdução

A automedicação consiste na aquisição e uso de medicamentos, que tem por objetivo sanar algum sintoma apresentado, sem a orientação profissional ou prescrição médica, na expectativa de obter o resultado desejado através do tratamento que se acredita ser eficaz para o problema apresentado. Embora a automedicação se refira ao ato de medicar a si mesmo, é considerado o termo automedicação infantil ou pediátrica quando os pais ou responsáveis por uma criança adquirem medicamentos por conta própria, sem orientação ou prescrição médica, com o intuito de medicá-la (TEIXEIRA, 2021).

A prescrição medicamentosa segura e eficaz de qualquer substância farmacológica exige do profissional de saúde conhecimentos que envolvem o reconhecimento das indicações terapêuticas, bem como das contraindicações, o estabelecimento da posologia apropriada (dosagem recomendada, via de administração e frequência de uso), a verificação das interações medicamentosas e incompatibilidade entre medicamentos concomitantes, e monitorização da resposta ao tratamento e de possíveis reações alérgicas, efeitos colaterais e adversos. A falta desses conhecimentos, leva ao uso inadequado dos fármacos, podendo ocasionar efeitos nocivos à saúde do indivíduo, principalmente nas crianças. Isto porque a população pediátrica possui metabolismo acelerado caracterizado pela rápida absorção e ação dos medicamentos (FONSECA, 2015).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a automedicação pediátrica leva a um grande número de casos de agravamento do quadro clínico inicialmente apresentado, dificulta e retarda a identificação de doenças que muitas vezes necessitam de intervenção médica e hospitalar, provoca alterações metabólicas e imunológicas, além de poder provocar graves intoxicações e até mesmo levar à morte. Dessa forma, compreender os motivos pelos quais os pais e responsáveis automedicam as crianças e agir sobre essas causas e na promoção de ações de conscientização, é fundamental para preservar a saúde e a vida das crianças, construindo o hábito e a mentalidade de um uso mais racional dos medicamentos (TEIXEIRA, 2021).

## Prevalência e riscos associados

A automedicação é mais observada em casos de adultos do que crianças, contudo, os riscos e efeitos colaterais também são observados em crianças e a forma como o uso irracional de um medicamento pode afetar o organismo infantil, gerando sequelas e problemas para o desenvolvimento pode ser considerada potencializada com relação a um organismo adulto, devido à alta vulnerabilidade e maior sensibilidade aos medicamentos, o que pode levar a casos graves de intoxicação ou envenenamento da criança (SANTOS; EDUARDO; FREITAS, 2015).

Os efeitos da prática da automedicação não se restringem somente aos medicamentos sintéticos, mas também aos remédios caseiros e fitoterápicos, responsáveis por parte das intoxicações causadas. O Brasil ocupa uma alta posição no ranking de automedicação infantil com relação a outros países, estando entre um dos principais países cuja prática é irracional (MARTINELLI, 2012).

A maior taxa de incidência de automedicação é encontrada principalmente nas crianças menores de 02 anos de idade, sendo 81,5% a porcentagem respectiva para a prevalência da prática nessa faixa etária. (TEIXEIRA, 2021).

Devido à falta de uma orientação profissional correta, a prática de automedicação pode contribuir para que alguns medicamentos utilizados mascarem sintomas que podem estar relacionados à presença de outras doenças, interferindo assim no tempo de tratamento, que também pode desencadear graves consequências.

## Fatores que levam à automedicação

Segundo Martinelli (2012), o que mais leva pais e responsáveis à automedicação sem orientação e prescrição correta de um profissional, é a urgência para resolver um sintoma de dor ou desconforto nas crianças, sendo o acesso fácil a medicamentos um meio rápido para tratar sintomas indesejáveis. Isso, também é motivo para que os mesmos não concluam o tratamento, visto que assim que os sintomas diminuem ou não se mostram mais visíveis, consideram que não há necessidade de continuar o tratamento, o que também, pode resultar em consequências para o mecanismo de metabolização de fármacos no organismo infantil.

A estratégia de automedicação não necessariamente é vista como uma abordagem ruim todas às vezes, visto que para alguns sintomas e situações menos graves, o indivíduo pode ter sua situação resolvida sem precisar recorrer a um profissional e aos hospitais, o que também gera menor sobrecarga no sistema de saúde. Sendo assim, algumas vezes a automedicação pode realmente aliviar os sintomas, deixar de gerar desconfortos, sem que para isso seja necessário recorrer a um meio oficial de saúde para orientação. Contudo, são importante que sejam evidenciados os riscos que o medicamento pode oferecer e também os efeitos colaterais e as interações. Alguns desses podendo levar o paciente a óbito por erro no processo de uso do medicamento. Por isso, faz-se tão necessária a presença de profissionais da saúde capacitados e a assistência farmacêutica mostra-se muito relevante, estando presente nas orientações e acompanhamentos dos pacientes (TEIXEIRA, 2021).

## Estratégias de combate

A assistência farmacêutica é vista como um dos fatores mais importantes no combate à cultura da automedicação, inclusive infantil. O farmacêutico, como especialista em medicamentos, tem caráter fundamental na promoção do uso racional e cabe a ele atuar perante a população de diversas maneiras como orientar, capacitar e promover programas de prevenção de acidentes infantis em geral (TEIXEIRA, 2021).

Os médicos também assumem um papel importante nas estratégias para reduzir a prática da automedicação e aumentar a prática do uso racional de medicamentos pediátricos. Educando os pais desde o acompanhamento pré-natal, promovendo campanhas educativas e educação em saúde em geral, promovida de diversas formas, inclusive no acompanhamento pediátrico há possibilidade de reduzir a automedicação (TEIXEIRA, 2021).

A adoção de embalagens específicas para medicamentos pediátricos também é uma medida importante a ser tomada, para reduzir os casos em que exista confusão de fármacos na hora da administração, o que ocorre principalmente entre responsáveis idosos pelas crianças (TEIXEIRA, 2021).

## Bibliografia

TEIXEIRA, Alina. Considerações sobre a automedicação pediátrica no Brasil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 05, Vol. 10, pp. 46-56. Maio de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/pediatria-no-brasil> Acesso em: 16 de Março de 2022.

MARTINELLI, Cristian Gabriela. Automedicação: uma breve abordagem com enfoque em crianças. Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA, Ariquemes, 2012.

SANTOS, Patrícia Nepomuceno; FREIRAS, Ronilson Ferreira; EDUARDO, Anna Maly de Leão. Automedicação infantil: conhecimento e motivação dos pais. Revista Multitexto, v.3, n.1, 2015.

MEIRA, F. A automedicação em crianças por seus responsáveis em um hospital do interior do Minas Gerais. Cogitare Enfermagem, v.16, n.4, 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA – SBP. Uso de medicamentos em creches e escolas. Site Institucional. 2017. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sociedade-brasileira-de-pediatria-divulga-orientacoes-para-uso-de-medicamentos-em-creches-e-escolas/>. Acesso em dezembro de 2020.